

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade De Ciências De Educação – FACE
Curso Pedagogia - Formação De Professores Para As Séries Iniciais Do Ensino
Fundamental – Projeto Professor Nota 10

O DESENHO:

Linguagem e Desenvolvimento no Ensino-Aprendizagem nas Séries Iniciais

Brasília-DF, 2005.

JOÃO MARCELO PACHECO
JOSENI FREIRE DE SOUZA
KÁTIA ALVES DE LUCENA
REGINA MAGALHÃES SARAIVA

O DESENHO:

Linguagem e Desenvolvimento No Ensino-Aprendizagem Nas Séries Iniciais

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10.

Orientadora: Sainy Coelho Borges Veloso

Brasília, 2005

Ao final deste trabalho há muitos agradecimentos e dedicatórias a fazer:

A Deus,

Pai e mestre cuidadoso, que permitiu escolher o caminho, apoiou-nos nos erros e conduziu-nos aos acertos.

Aos nossos pais,

Aqueles que nos acompanham sempre, velando por nós e lutando para que nós estejamos sempre mais felizes.

Aos familiares e amigos,

Aqueles com quem rimos, choramos, vivemos e percebemos que a vida é mais bela pelas suas valiosas presenças em nossos caminhos.

Aos colegas de grupo,

Aqueles que se revelaram companheiros comprometidos, verdadeiros educadores, a quem hoje temos orgulho em chamar de amigos.

A todos vocês, personagens principais da história de nossas vidas...

Obrigado!!!

“Ai de nós educadores se deixarmos de sonhar sonhos possíveis”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. Introdução	05
2. Pesquisa.....	08
2.1 Título	08
2.2 Tema	08
2.3 Objeto de Estudo.....	08
2.4 Objetivos	10
2.4.1 Objetivo Geral.....	10
2.4.2 Objetivos Específicos	10
3. Justificativa	11
4. Fundamentação Teórica.....	13
4.1 Breve Histórico sobre o desenho.....	13
4.2 O Desenho e a Prática Educativa.....	15
4.3 A Arte e a Criança.....	18
4.4 O Uso do Desenho na Escola.....	20
5. Metodologia.....	22
5.1 Professores-pesquisadores, escolas e comunidades envolvidas na pesquisa.....	22
5.2 Instrumentos da Pesquisa.....	23
5.3 Organização, análise e discussão dos dados.....	23
6. Considerações Finais.....	27
7. Referências Bibliográficas.....	30
8. Anexos.....	31

1. INTRODUÇÃO

Logo que a criança inicia seus primeiros traços, o desenho começa a fazer parte de sua vida. Ao ingressar na escola, o desenho passa a ser um elemento constante e fundamental na construção do processo de ensino e aprendizagem, como forma de expressar sentimentos, anseios e conhecimentos adquiridos.

Para A partir de suas percepções visuais e motrizes a criança cria/desenvolve suas próprias impressões sobre o que a rodeia, servindo de base para a organização de suas habilidades perceptivas e expressivas. (FERRAZ 1999).

Os psicólogos e autores por nós ressaltados na bibliografia referenciada utilizam o desenho como um recurso, que fornece meios para as crianças expressarem e falarem sobre seus sentimentos e angústias.

Se desenvolvermos brincadeiras, dirigidas ou não, envolvendo a manipulação de materiais que permitam a construção de desenhos, estaremos proporcionando a criança possibilidades de expressão em sua linguagem natural.

Toda criança desenha e elabora um espaço de criação. Seja em meio ao silêncio ou acompanhado de canções e falas. Na verdade, o desenho representa a compreensão de mundo da criança e constitui-se numa forma de expressão.

A representação gráfica através do desenho, constitui-se em atividade de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, motor e sócio-afetivo das crianças, devendo receber atenção, cuidado do educador e espaço privilegiado na escola.

Através de seus desenhos, as crianças expressam sua forma de ver o mundo e desenvolvem sua coordenação motora, dando asas a sua imaginação e, a sua maneira, estão extravasando seus sentimentos. Por meio do desenho, podemos desenvolver a observação, a percepção e a imaginação da criança.

O desenho é um instrumento riquíssimo na formação da criança e por este motivo resolvemos pesquisar e ressaltar sua importância, visando utilizá-lo como recurso pedagógico e, não somente, como uma forma de passar o tempo.

O desenho pode contribuir como um instrumento de diagnóstico da criança. Ela pode projetar a imagem que tem de si mesma, dos seus pais e do mundo que a rodeia.

O aprofundamento teórico-científico sobre o desenho nas séries iniciais, se faz necessário, para que possamos entender a importância do seu papel no desenvolvimento integral da criança, assim como, propor metodologias para melhor explorarmos tais dimensões.

A pesquisa está sendo realizada pelos professores citados a seguir, em suas respectivas escolas.

A professora Joseni Freire de Souza, que atua com 33 alunos da 3ª série do ensino fundamental, com idade entre 9 e 12 anos, na Escola Classe 14 do Gama. Sendo esta uma comunidade de baixa renda, sem muito acesso a cultura, porém, presente e participativa. A escola funciona de forma precária, sem poder oferecer recursos como: computador, biblioteca, sala de vídeo, quadras de esportes.

O professor João Marcelo Pacheco, atua no Centro de Ensino Fundamental 308 de Santa Maria, com 37 alunos da 3ª série do ensino fundamental, com idade entre 9 e 12 anos. A escola conta com uma quadra de esportes em estado precário, biblioteca sem funcionar por falta de profissionais, laboratório de informática com 25 computadores, que não está em funcionamento por falta de professor qualificado. Sendo essa comunidade carente, com pouco acesso a cultura.

A professora Kátia Alves de Lucena, que irá observar e desenvolver atividades com alunos da 4ª série do ensino fundamental, com idade entre 10 e 14 anos, no Centro de Ensino Fundamental Lago Oeste, localizado no Núcleo Rural Lago Oeste, na Região Administrativa de Sobradinho. Em sua maioria, os alunos são filhos de caseiros de chácaras da região. Apesar das dificuldades enfrentadas pela escola, a mesma conta com uma sala de vídeo, biblioteca e quadra de esporte.

A professora Regina Magalhães Saraiva, atua com 27 alunos da Educação Infantil com faixa etária de 4 e 5 anos, no CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira, situado em Sobradinho II, foi criado para atender alunos da Creche até a Educação Infantil. Hoje, atende alunos da Creche até a 2ª série do ensino fundamental. Conta com quadras de esportes, parquinhos, sala de vídeo, laboratório de informática com 15 computadores, refeitório com mesas e cadeiras, atendimento psíquico-pedagógico. No período noturno e nos finais de semana o CAIC oferece para a comunidade atividades esportivas e de lazer, tais como: futebol, capoeira e Karatê, que são orientadas por professores do Projeto Esporte à Meia Noite, da Secretaria de

Segurança Pública. A comunidade, em sua maioria, não participa da vida escolar dos alunos, e apresenta necessidades financeiras e pouco acesso a cultural.

Desenvolvemos a pesquisa nas respectivas escolas, para colher materiais que sirvam de base para a pesquisa.

Assim, algumas questões foram por nós elaboradas buscando viabilizar conhecimento e metodologia para inter-relacionar o desenho nos Componentes Curriculares:

Pode-se educar uma criança através do desenho? Como?

Quais as habilidades desenvolvidas?

Qual a importância do desenho para o desenvolvimento integral da criança?

O que expressa a criança enquanto desenha?

Podemos utilizar o desenho para desenvolver habilidades na criança? Como?

Tal problemática advém da constatação de alunos apáticos no contexto escolar e cremos que, melhorando nossa prática pedagógica possamos desenvolver a criatividade e a imaginação da criança. Tornando-a, mais participativa e segura de si e do seu potencial criativo.

A criatividade faz parte do nosso dia-a-dia, pois precisamos ser criativos na hora de resolver um problema de matemática, no momento de escolher qual roupa iremos vestir para ir a uma festa, o caminho mais rápido para chegar ao trabalho ou a escola, ao jogarmos, jogos que desenvolvam a criatividade e a imaginação, dentre outros.

O processo imaginativo é tão importante quanto a criação. Ele possui uma natureza visionária ao detectar a intencionalidade contida na ação humana. A imaginação projeta no futuro, desejos de conquistas, antever realizações e mobiliza o interior humano orientando para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação completa.

Nesse sentido o desenho vai registrando, em seu processo de trabalho, o mapa da ampliação da consciência, tornando a ponte de comunicação entre o que foi e o que será por meio do processo imaginário.

Sabedores desse processo de conhecimento direcionamos essa pesquisa ao estudo do desenho como meio de expressão de sentimentos, e de desenvolvimento

da imaginação e criatividade da criança objetivando seu maior desempenho social como ser pensante e criativo.

2. PESQUISA

2.1 Título

O DESENHO: Linguagem e Desenvolvimento no Ensino-Aprendizagem nas Séries Iniciais.

2.2 Tema

O Desenho Infantil.

2.3 OBJETO DE ESTUDO

A capacidade de desenhar é inerente ao ser humano. Quando criança o desenho é a linguagem utilizada para expressarmos e comunicarmos com o mundo interior e exterior, razão da intensa atividade de desenhar.

Ao entrar na escola e começar o processo de alfabetização essa atividade vai diminuindo de modo geral, em função do domínio da linguagem escrita, ou seja, uma outra forma de comunicação mais socializada. Na adolescência alguns desenharam menos, todavia, outros intensificam sua produção desenhando em seus cadernos e até mesmo em suas carteiras de forma aleatória. Na fase adulta desenhamos apenas quando escolhemos tornarmos artistas.

Contudo, o desenho enquanto linguagem, independente de faixas etárias é uma linguagem que reflete a postura do ser em suas várias circunstâncias de vida. Trazendo significado de sua história a gerações futuras.

De acordo com o desenvolvimento social o desenho se mostra representando os interesses da comunidade.

O desenho participa do projeto social inventando formas de produção e de consumo. Em todas as atividades humanas o desenho acaba se manifestando: na ilustração dos livros, no último modelo de celular, nos jornais e nas revistas.

O desenho enquanto linguagem requisita uma postura global. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções e idéias são tentativas de aproximação com o mundo (Derkyk, 1989).

Vários autores por nós pesquisados, como por exemplo, a arte educadora Ana Angélica Albano Moreira, comenta sobre a importância de se pensar o desenho como forma de mecanismo no processo de alfabetização, além de auxiliar no processo pedagógico escolar. Entretanto o desenho tem sido utilizado apenas como uma ferramenta de diversão e passatempo, sem um pensamento e objetivo pedagógico.

O desenho além de ser uma forte ferramenta de apoio, é também, uma ferramenta para melhor conhecermos a criança, pois através dos mesmo podemos chegar mais próximo das crianças e aprender a ouvi-las, aproximando, destarte, o educando e o educador.

Não podemos esquecer ainda que, a criança já chega à escola com alguma bagagem, e seus primeiros traços são os desenhos chamados de grafismo infantil. Rabiscos muitas vezes incompreensíveis para os adultos, mas que vão sendo aperfeiçoados com a prática e o treino.

No ato de desenhar, pensamento e sentimentos estão juntos. Sendo assim, podemos perceber que o desenho e o desenvolvimento cognitivo da criança caminham lado a lado. Se a criança apresenta algum comprometimento na hora desenhar isto pode estar sendo refletido em seu processo cognitivo.

O desenho é uma possibilidade de brincar, tanto quanto é a possibilidade de falar. Marca o desenvolvimento da criança, contudo, em cada estágio do desenvolvimento da criança, o desenho assume um caráter próprio.

O grafismo infantil, assim como o desenho que a criança realiza em sua segunda infância – de 3 a 5 anos – evidencia o prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca. É um jogo de exercício que a criança repete muitas vezes para certificar-se de seu domínio sobre aquele movimento.

2.4 OBJETIVOS

2.4.1 OBJETIVO GERAL

- Utilizar o desenho como meio de desenvolvimento integral na formação dos alunos nas séries iniciais.

2.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Utilizar o desenho como recurso didático voltado para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. da criança;
- Desenvolver a linguagem gráfica infantil;
- Estimular a expressão, bem como, o desenvolvimento cognitivo visando à aquisição de conhecimentos;
- Propiciar a articulação da linguagem gráfica infantil com os componentes curriculares.

3. JUSTIFICATIVA

Com esse trabalho pretendemos conhecer e assimilar meios para utilizar o desenho como recurso didático, buscando o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, e com isso incentivando a construção das habilidades do ver, do observar, do ouvir, do sentir, do imaginar e do fazer do educando garantindo-lhe a sua linguagem e expressão individual.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs para o ensino fundamental, na área de Artes (2001), a educação deve propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. Assim, o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

O desenho, como uma modalidade do ensino de Arte no ensino fundamental, torna-se um instrumento de grande valia para o desenvolvimento da criança.

A referida pesquisa estará sendo desenvolvida em Unidades Públicas de Ensino do Distrito Federal, nas Regiões Administrativas do Gama, Santa Maria e Sobradinho, de forma empírica, através de relato de experiências e tendo como instrumento os desenhos de alunos dessas Unidades Públicas de Ensino.

Realizamos essa investigação com o objetivo de compreender e aprender a utilizar o desenho como instrumento de grande importância para o professor das séries iniciais, durante todo o processo de ensino/aprendizagem.

Destarte, com esse trabalho estaremos conhecendo e viabilizando metodologias para utilizar o desenho como recurso didático, abrindo novos horizontes em nossa vida profissional, aperfeiçoando nossa práxis educativa e servindo também, de base para outros profissionais da educação.

Vale ressaltar que, estaremos renovando nossos conhecimentos e dando oportunidade para que outros profissionais da educação utilizem esse material como meio de se reciclarem, tendo a oportunidade de avaliar a qualidade de suas aulas e de lembrar que, para ser um bom educador, precisamos ser antes de tudo alunos. Não devemos esquecer o quanto é importante, para nós professores, aperfeiçoamos constantemente nossos conhecimentos.

Creemos que o professor da educação infantil e das series iniciais do ensino fundamental deve perceber o quanto é importante adquirir conhecimentos, mesmo que modestos, sobre as práticas pedagógicas referente ao desenho e a sua relevância para a formação e desenvolvimento da criança.

Estaremos buscando mostrar alguns recursos didáticos para que o professor possa compreender melhor e valorizar mais o desenho infantil, dando oportunidade para ele reavaliar suas aulas e os recursos nelas empregados. Passando assim, a utilizar o desenho, não como uma forma de lazer, mas como meio de expressão da criança, e como recurso, que poderá melhorar as suas aulas, fazendo com que ele se aproxime mais das crianças e possa ouvi-las e melhor compreendê-las.

Nesse sentido, ressaltamos a importância da utilização do desenho como recurso didático, oferecendo-nos meios para, pedagogicamente, desenvolvermos a criatividade e a consciência social de nossos alunos, além de possibilitar a construção de uma linguagem não verbal, todavia, expressão profunda de seus sentimentos e da experiência adquirida na sua ambiência.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O DESENHO

Ao analisar o contexto histórico do desenho na vida do homem, pode-se observar que a arte sempre fez parte de sua vida, embora se apresentasse com significados diferentes, conforme a cultura onde foi criada.

Na pré-história a Arte tinha domínio mágico sobre as forças da natureza. Na civilização egípcia, a Arte tinha função religiosa; para eles a alma não morria, o poder era voltado para os faraós e sua produção artística orientada pelos sacerdotes.

O desenho é uma das facetas da Arte mais antigas e tinha forte relação com o poder. Segundo a arte-educadora Edith Derdyk :

“O homem não distinguia o objeto natural e o objeto artístico, ou seja, ele não conseguia associar a figura/desenho ao animal/objeto. Quando ele desenhava na caverna é como se esse desenho (significante) fosse um bem onde o mesmo tivesse direito e uma vez tendo direito sobre esse objeto supunha ter poderes sobre o mesmo (significado).” (1990, p.174)

E o homem ainda não se abdicou dessa necessidade de ter poderes, seja através de bens materiais ou intelectuais.

No decorrer da história da humanidade, utilizou desenhos para registrar seus sentimentos, emoções, ideais religiosos, necessidades e ações, muito antes de usar símbolos para a escrita.

Conforme a escritora Lucília Garcêz:

“Para que a humanidade inventasse a escrita (...) o homem desenhou cenas que podiam ser compreendidas de imediato. Essas representações foram se transformando na escrita pictórica, que imitava a forma dos objetos, e cada desenho era colocado na ordem linear das palavras. Esses desenhos foram perdendo os traços representativos das figuras originais, e adquirindo significados mais abstratos e passavam a indicar também, alguns sons (geralmente os desenhos passavam a ser associados aos primeiros sons da figura que representavam). Criou-se assim a escrita ideográfica (hieroglífica, suméria, cretense, chinesa e japonesa).” (2001, p.26)

Com a criança também ocorre este processo: primeiro ela desenha e só depois passa a escrever, ou seja, o desenho é sua primeira forma de expressão gráfica. Mas desde quando há preocupação com o desenho das crianças? De acordo com a psicóloga Maureen Cox:

“O estudo dos desenhos infantis começou em 1880 pelo italiano Corrado Ricci que enquanto esperava a chuva passar num abrigo observava alguns desenhos encantadores e outros tantos desajeitados feitos por mãos infantis. Porém, não foi o único nem o primeiro a se interessar pelo desenho infantil.” (1995, p.21)

São os psicólogos que no final do século XIX descobrem a originalidade do desenho infantil e publicam as primeiras “notas” e observações sobre o assunto.

A criança faz do desenho sua marca, o seu espaço lúdico. Para ela é como se ao desenhar ela falasse e pudesse registrar a sua fala – sua primeira escrita – na qual deixa sua marca antes de aprender a escrever.

Para se entender melhor o desenho infantil é necessário compreender também a distância entre a produção gráfica e a intenção da criança ao desenhar alguma coisa. Ela expõe o seu pensamento utilizando lápis e papel, visto que isto está ligado às conquistas internas. “A criança está ocupada em ajustar seu mundo interior de imagem ao mundo exterior” (READ, 1981, p.08).

Neste sentido, o desenho pode ser definido como prática simbólica do sentimento voltado para tudo que é significativo para a criança.

Derdyk ainda afirma que:

“A exploração sensório-motora se evidencia, de maneira geral, quando a criança, em torno dos dezoito meses a dois anos de idade, principia desenhando suas primeiras garatujas. Nesse momento, as garatujas não têm intenção alguma. São puros exercícios de prazer exploratório da atividade física”. (2003, p.106).

Já o psicólogo e educador Jean Piaget, sustenta que o “desenho infantil é um processo pelo qual a criança põe no papel o que pensa e imagina” (2001, p.51).

Como as garatujas “não têm intenção alguma”, como saber se a criança ao riscar um papel está representando seu universo simbólico, suas sensações e até mesmo atendendo o pedido de alguém?

Embora o trabalho artístico voltado para o desenho seja tão antigo quanto o homem, o seu relacionamento como fator de educação é relativamente recente.

Platão talvez tenha sido o primeiro filósofo a preconizar um sistema de educação baseado na Arte. E não se pode falar em desenho sem abordar a Arte, pois a Arte é movimento, sensações, e o desenho também. Infelizmente, o que vemos na prática é a existência curricular de uma Educação Artística isolada das demais práticas pedagógicas. Ainda existe um cronograma de aulas em que as disciplinas estão determinadas para cada dia da semana, e a Educação Artística também tem o seu dia, e o pior, não se percebe que os desenhos solicitados nas interpretações textuais, suas análises nos livros didáticos e seus recortes também são atividades artísticas. (GREIG, 2004)

Cada tipo de desenho é a expressão legítima de um tipo de personalidade. Para que a educação pela Arte se desenvolva plenamente é preciso haver liberdade para que o aluno escolha que elementos colocar em seu desenho, para assim externalizar as características de sua personalidade.

4.2 O Desenho e a Prática Educativa

A literatura especializada em Arte nos oferece conceitos e metodologias enriquecedoras para nossa práxis educativa.

As arte-educadoras, Maria Heloisa Correa de Toledo Ferraz e Maria F. de Resende e Fusari (1999), voltadas para a função metodológica do desenho, ressaltando a necessidade do educador em utilizar em sua prática pedagógica as inter-relações artísticas e estéticas junto aos estudantes.

As autoras consideram a criança como ser “achante” em busca do saber artístico e estético. A ambiência natural e cultural é a instância interferente no saber artístico e estético da criança, e a convivência do grupo social mais próximo (família, amigos, escola, etc.) é mediadora dos saberes em arte e estética junto à criança.

Portanto, a ambiência natural e cultural são os determinantes fundamentais na construção interativa de saberes artísticos e estéticos pela criança.

Segundo elas, os métodos de ensino e aprendizagem em arte são caminhos educativos a serem percorridos durante o curso com os alunos. Organizam-se por meio de etapas seqüenciadas (início, meio e fim de uma ou mais aulas) e de diversas técnicas pedagógicas (observação, pesquisa, problematizações artísticas e estéticas, jogos individuais ou em grupos de alunos) selecionadas para o desenvolvimento das atividades em que os alunos assimilem novos saberes, habilidades, hábitos, atitudes, convicções em arte. Caracterizam-se pelos “modos pedagógicos de fazer” os cursos e aulas de tal maneira que os alunos vivenciem processos de produção e de entendimento sensível-cognitivos da arte que ainda devam aperfeiçoar e conhecer. Esses “modos pedagógicos de fazer” são avaliáveis e se articulam com os conteúdos e objetivos escolares selecionados para o curso de arte, bem como, com os demais componentes curriculares.

Concordamos com a afirmativa das autoras e percebemos em nossa prática, que a ambiência é um fator importante para a formação da criança, não só artística e estética, mas também na sua maneira de ser e de ver o mundo. O professor deve buscar desenvolver técnicas pedagógicas utilizando o desenho como instrumento para desenvolver no educando habilidades, possibilitando a ele expressar seus sentimentos, enfim, ajuda-lo a romper suas barreiras.

Diferentemente das autoras referenciadas a artista e educadora, Edith Derdyk (1989), focaliza o desenho de forma poética como uma maneira de elevar a criança e toda a sua bagagem expressiva. Desenhar é uma forma de raciocinar sobre o papel.

Segundo ela, o desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades. Ao desenhar a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. A criança enquanto desenha, expressa todo seu sentimento e emoções. Ela se identifica com o mundo desenhando.

Podemos observar que o aluno está sempre disposto a desenhar e muitas vezes procura expressar seus sentimentos pelo professor através do desenho de corações, flores, paisagens, etc. Enquanto criança, o aluno ao apresentar seu desenho ao professor, sente-se orgulhoso e acredita que fez um excelente trabalho.

A professora de Educação Artística, Ana Angélica Albano Moreira (1993), retrata o desenho na sua posição espacial. A criança ao ser alfabetizada nos moldes atuais, perde sua linguagem própria, que é o desenho.

Segundo ela, não podemos esquecer que a criança já chega à escola com alguma bagagem, e seus primeiros traços são os desenhos elaborados em família. São rabiscos, muitas vezes, incompreensíveis para os adultos, todavia, vão sendo aperfeiçoados com a prática e o treino.

Pode-se, portanto, perceber no ato de desenhar, que pensamento e sentimento estão juntos. A arte da criança é vista como algo que passa, ela mesma ao passar do tempo acha seus desenhos feios, sem graça. Com a idade de aproximadamente 10 anos ela já assume que não sabe desenhar. Antes, tudo era possível de ser criado, hoje, esta mesma criança se acha incapaz de produzir um desenho. Pois tudo deve estar contido dentro de um conjunto de regras e normas, e não livre como antes. Quando adulto, perdemos em nossa sociedade as possibilidades de expressão, os jogos assim como o desenho passam a ser considerados manifestações infantis.

O psiquiatra e psicoterapeuta de formação analítica, Philippe Greig (2004), afirma que os desenhos infantis aparecem como verdadeiros sinais ou gestos, de acordo com seu estado emocional e afetivo, e é por meio do desenho que a criança exprime e fixa suas descobertas e insere então no quadro de ensino pela imagem. Os comportamentos de conflito ou de relacionamento desenvolvem-se como a própria pulsação da vida, enquanto as condutas de isolamento diminuem quase pela metade, e o gesto aparece como um verdadeiro prolongamento desses comportamentos. Ora violento como o “golpe” de lápis, que é a marca da impulsividade do gesto a ponto de rasgar o papel, ora doce como uma carícia que deixa sua marca.

A importância do desenho nas atividades espontâneas da criança não podia deixar indiferentes os professores. Mas, é preciso distinguir aqui dois problemas: o uso do desenho nos métodos gerais da educação, onde o professor utiliza um campo de atividades particularmente apreciado pelas crianças, a fim de desenvolver suas aptidões e conhecimentos gerais. No outro, é o papel da educação no progresso da atividade, onde a preocupação é de desenvolver aptidões gráficas.

Segundo ele, o desenho é apenas uma forma particular da emergência da linguagem, um reflexo do conhecimento psíquico da criança e um meio de expressão de que ela se dispõe, seja no momento de displicência ou de impulsividade. Assim podemos perceber que os autores acima mencionados têm a preocupação em observar o desenho como instrumento no desenvolvimento e meio de expressão do aluno, ressaltando a sua importância de ser utilizada.

Tais autores diferenciam-se na maneira de interpretar o desenho, sua função e a forma de utilizá-lo.

Apesar de nos fundamentarmos nos autores citados acima, gostaríamos de ressaltar o pensamento da artista, Fayga Ostrower (1978), que em seu livro fala sobre a criatividade e os processos de criação.

Segundo ela, a criatividade é um potencial que já nasce com o homem e ele necessita naturalmente desenvolvê-lo. A criatividade do homem se baseia e é moldada, no meio em que ele vive e nas suas culturas, assim o homem sofre um confronto entre a sua criatividade natural, que é a criatividade que nasce com ele e faz parte da sua individualidade, e a sua obra/criação que se baseia na cultura do meio em que ele vive. Destarte, a autora considera o homem como alienado de si mesmo, que pressionado pela vida atribulada que leva, não consegue se integrar como ser individual e ser social.

4.3 A Arte e a Criança

As pessoas tendem a expressar em seu desenho, de forma involuntária, uma visão de si mesmos, tal como são ou gostariam de ser.

Com as crianças podemos perceber o mesmo, a expressão de fatos não verbalizados e o nível de maturidade intelectual analisando os seus desenhos.

Todas as crianças evoluem em sua grafia pessoal, passando por distintas fases com nítidas características, assim como no desenvolvimento motor. A capacidade para desenhar se dá quando a criança atinge um determinado grau de maturação neuromotora.

A criança inicia suas atividades espontâneas de desenho quando já tem um ano e meio de idade. Isso confirma o seu desenvolvimento normal, pois o ato de desenhar intencionalmente depende da maturação da criança em várias áreas.

A maioria das crianças sente prazer em rabiscar e por não ter ainda um controle motor, seus rabiscos são ondulados. Assim, as crianças na faixa etária de um ano e seis meses fazem traços para representar um objeto inteiro ou uma pessoa. Algumas dão nomes aos rabiscos antes ou depois de desenhar. Já outras, por volta de dois anos e sete meses, fazem rabiscos circulares definindo e dizendo ter feito um homem e outras ainda com três anos e dois meses fazem rabiscos circulares, dizendo ter feito papai e mamãe.

Já os desenhos da figura humana que aparecem por volta dos três anos de idade são, geralmente, uma linha única, envolvendo uma área aproximadamente circular que pode conter traços faciais. Os braços podem estar presentes ou não, de vez em quando cabelos e outros elementos são acrescentados. (OSTROWER, 1978)

A criança aos cinco anos de idade usa o desenho de uma figura humana fazendo o contorno da cabeça, com traços sendo meramente indicados por círculos e manchas que representam os olhos, as bochechas, a orelhas, etc. Algum tempo depois, já representa braços, pernas, dedos das mãos e dos pés. (OSTROWER, 1978)

Na verdade, mesmo com a observação mais superficial de um número suficientemente grande de desenhos de crianças, seria mais exato afirmar que cada criança possui seu próprio esquema. Relatos de professores mostram que em cada caso existe uma correspondência entre os desenhos e a constituição psicológica da criança.

O estudo do desenho feito por psicólogos acontece em vários momentos. Uma mesma gravura pode ser solicitada em dias diferentes para a confirmação de dados e indicadores de personalidade.

O Psicólogo observa a criança desde o momento em que entra na sala, a forma como prensa o lápis na folha, a posição da folha sobre a mesa, a centralização da figura, etc. todas essas observações possuem elementos que contribuem para traçar o perfil de uma criança. (GREIG, 2004)

Um professor não pode e nem deve traçar perfil somente observando desenhos, até mesmo porque não possui formação acadêmica para tal. Os Psicólogos utilizam os desenhos como um dos elementos para testes psicométricos, ou seja, medindo-se proporções dos desenhos, mede-se o nível de intelectualidade.

Segundo a Psicóloga, “uma casa com porta muito grande pode representar necessidade de contato, essa suspeita seria confirmada com outros testes.”

Assim, o professor pode analisar os desenhos, porém, as impressões acerca da sociabilidade, nível de intelectualidade e interesse seriam percebidos nesta análise, mas não seria fidedigna se tentar traçar um perfil apenas pelo desenho, até mesmo por não conhecer a fundo todos em suas relações familiares, seus estados emocionais durante a realização do desenho, etc, ou seja, entender o significado dos desenhos não é uma tarefa simples.

Como já foi dito, esses estudos são apenas indicadores da personalidade. O desenho não revelaria tudo. Seriam necessários outros testes, principalmente, conversas contextualizando-as com a realidade do ambiente em que a criança está. Ou seja, é preciso estabelecer relações para confirmar esses indicadores. Alguns psicólogos não aceitam esses testes projetivos por acreditarem que são muito subjetivos. Esse conceito de estudo das projeções está mais arraigado na Psicanálise. (GREIG, 2004)

4.4 O Uso do Desenho na Escola

O estudo do desenho tem sido mais intenso nessas últimas décadas e como tal, torna-se instrumento de estudo e avaliação tanto para psicólogos como para educadores. Por isso, não se pode falar de desenho sem abordar o enfoque que é dado a essa atividade pela Orientação Pedagógica Escolar. Além disso, não se pode esquecer que a escola reflete os valores da sociedade de uma forma mais ampla.

Um professor atento pode e deve trazer para a sala de aula, caso este seja o assunto de interesse imediato dos alunos, qualquer modismo da época. Os desenhos veiculados pela mídia podem servir como troca de experiências, de confronto crítico e, principalmente, de imaginação criadora. Imaginação e criação, elementos que sempre fizeram parte da formação da humanidade. (MOREIRA, 1993)

O professor pode, inclusive, preocupar-se ao constatar que a criança pré-escolar utiliza cores inusitadas em suas figuras. Nesse período de desenvolvimento gráfico e cognitivo, ela está interessada em usar cores de sua preferência. A análise dessa atividade ajuda a revelar o seu estado psíquico no momento de desenhar e pintar. Pode apenas usar uma cor ou várias; pode conscientemente tentar usar um

pouco de cada uma. Utilizando uma cor pode estar demonstrando desinteresse pela pintura e anseia terminar logo. Várias cores podem estar envolvidas com a pintura, pois o tema ali desenhado está ligado às conquistas internas e/ou externas. (GREIG, 2004)

Nas Séries Iniciais, os alunos desenhavam observando imagens próximas, ou seja, apoiavam-se em livros, desenhos dos colegas, estímulos visuais da sala, escola, parentes, de forma que as cores escolhidas estão mais estereotipadas. Até mesmo para que o professor compreenda sua intenção no desenho e não na pintura.

A criança desenha seguindo temáticas que são significativas, o que dificilmente coincide com propostas. É importante sublinhar que, quando a criança recebe modelos gráficos do adulto, bem como a maior complexidade na elaboração dos esquemas gráficos do adulto, ela sente que seu próprio desenho é inadequado e tenta imitar o do adulto. Outras crianças reagem de forma diferente, evitando situações em que tenham que criar figuras novas, dizendo ao adulto mais próximo **“não sei desenhar, faz um desenho pra mim”**. A criança não consegue avaliar que a qualidade de seu próprio desenho – espontâneo, original, é muitas vezes carregado de conteúdo emocional – é muito superior ao do adulto, que, em muitas circunstâncias, apresenta-se em formas rígidas e estereotipadas.

As Artes devem ser manuseadas, sentidas, percebidas, e assim ampliar todos os esquemas cerebrais humanos, e assim, auxiliar no processo de desenvolvimento global, finalidade da escola. (MOREIRA, 1993)

5. METODOLOGIA

5.1 Professores-pesquisadores, escolas e comunidades envolvidas na pesquisa

As escolas tomadas como estudo para a realização da referida pesquisa são escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal, mantidas pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. De forma geral, estas escolas oferecem aos seus alunos o Ensino Fundamental regular, séries iniciais, nos turnos matutino e vespertino, em comunidades carentes.

A professora Joseni Freire de Souza, que atua com 33 alunos da 3ª série do ensino fundamental, com idade entre 9 a 12 anos, na Escola Classe 14 do Gama. Sendo esta uma comunidade de baixa renda, sem muito acesso a cultura, porém, presente e participativa.

O professor João Marcelo Pacheco, atua no Centro de Ensino Fundamental 308 de Santa Maria, com 37 alunos da 3ª série do ensino fundamental, com idade entre 9 e 12 anos. Sendo essa comunidade carente, com pouco acesso a cultura.

A professora Kátia Alves de Lucena, que irá observar e desenvolver atividades com alunos da 4ª série do ensino fundamental, com idade entre 10 a 14 anos, no Centro de Ensino Fundamental Lago Oeste, localizado no Núcleo Rural Lago Oeste, na Região Administrativa de Sobradinho. Em sua maioria, os alunos são filhos de caseiros de chácaras da região.

A professora Regina Magalhães Saraiva, que irá trabalhar com 25 alunos da 2ª série do ensino fundamental, com faixa etária de 8 e 10 anos, no CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira, situado em Sobradinho II, foi criado para atender alunos da Creche até a Educação Infantil. Hoje, atende alunos da Creche até a 2ª série do ensino fundamental. A comunidade, em sua maioria, não participa da vida escolar dos alunos, e apresenta necessidades financeiras e pouco acesso a cultural.

5.2 Instrumentos da Pesquisa

A pesquisa em questão busca analisar como objeto de estudo o desenho e suas possíveis implicações no ensino-aprendizagem nas séries iniciais.

Desta forma, a pesquisa foi realizada de forma qualitativa, considerando os seguintes objetivos do processo qualitativo:

- Procurar captar a situação ou fenômeno em toda a sua extensão;
- Levantar possíveis variáveis existentes e na sua interação, o verdadeiro significado da questão, sendo fundamental a experiência do pesquisador;
- Colher informações, examinar cada caso separadamente e tentar construir um quadro teórico geral (método indutivo). (Magda Alves, 2003 – pg. 56).

Contudo, aproveitando a experiência dos sujeitos envolvidos no trabalho, a coleta de dados realizou-se por meio de desenhos de alunos da 2^a, 3^{as} e 4^a séries do Ensino Fundamental propostos por nós, observados e registrados em relatórios individuais considerando a experiência de cada participante da pesquisa, em suas respectivas salas, buscando a associação entre a teoria adquirida por meio dos estudos feitos no curso de Pedagogia e a sua relação com a prática de sala de aula, estabelecendo assim conexões, promovendo análises e reflexões à cerca da práxis.

5.3 Organização, análise e discussão dos dados

Para a realização da presente pesquisa, foram adotados como procedimentos metodológicos a leitura, a análise, a observação em campo, a realização de atividades com atores envolvidos na área de pesquisa (alunos), assim como a seleção e organização dos materiais, a produção de sínteses e textos, bem como a preparação de documento final, contendo as conclusões da pesquisa do grupo.

A pesquisa foi iniciada com a leitura e materiais relacionados ao tema, buscando assim acumular informações significativas e úteis, relacionadas ao tema aqui apresentado para estudo, assim como o registro das informações consideradas mais importantes à análise do tema.

A seguir foi realizada a etapa de observação em campo, onde os aspectos teóricos já lidos e analisados serão comprovados ou não. Esta etapa consistiu de observação em sala de aula, assim como a realização de atividades com alunos,

visando identificar as percepções, os interesses e as perspectivas para o trabalho com o desenho.

Após a realização de ambas as etapas, o trabalho foi montado, organizado de acordo com os estudos e também com as observações e informações obtidas, respeitando-se as orientações.

Este tipo de intervenção foi escolhido por se tratar de procedimentos diretos, onde o contato com a realidade e a possibilidade de obter respostas imediatas sobre os questionamentos a serem realizados proporciona a elaboração de um panorama geral do tema e assim, possibilita ainda, uma análise mais completa ligada tanto à revisão teórica do assunto, quanto à observação da realidade.

Nas atividades realizadas com alunos de 2ª, 3ª e 4ª séries, podemos observar que ao fazer os desenhos sugeridos eles têm a preocupação em fazer o mais próximo possível da realidade, se preocupando, até mesmo, com as expressões fisionômicas.

Para Cox:

“Por volta dos oito ou nove anos, as expectativas das crianças se tornam muito mais amplas. Querem que seus desenhos não sejam apenas identificáveis, mas também visualmente realistas. Acham que o desenho de uma pessoa deve ser parecido mesmo com aquela pessoa e o de uma paisagem ou natureza morta deve ser parecido com a coisa de verdade.” (1995, p.6).

Observando a parte afetiva, no desenho da família, notamos que em boa parte dos desenhos, a figura da mãe, sobressai a do pai. Os autores estudados concordam que através dos desenhos, as crianças estão manifestando suas percepções à cerca do mundo em que vivem e das relações que estabelecem com o meio e com as pessoas mais próximas.

Segundo a professora Maria Heloísa Ferraz (1999), a expressão da criança é uma forma de colocar para fora tudo aquilo que ela tem em seu interior, formando um repertório de elementos cognitivos e afetivos.

Nesse sentido, notamos que o sentimento expressado pelos alunos é representado através do desenho. Nota-se que, boa parte dos educandos desenha a

mãe de tamanho bem maior do que o pai, isso porque, segundo a própria família, o pai está sempre ausente.

Mas, não podemos nos basear apenas nessa hipótese, pois segundo Cox:

“Pode ser que as figuras dos pais e das mães tenham sido desenhadas em tamanho maior porque as crianças estivessem procurando colocar mais detalhes dentro desses contornos, sem levar em conta a importância deles.” (1995, p. 98).

Alguns dos alunos, em especial aqueles que demonstram sentir carência afetiva, percebida em suas relações com os colegas e professores em sala de aula, pouco demonstram entender o significado da palavra família. Geralmente são crianças que mais necessitam de atenção individualizada na aprendizagem. Concluiu-se que o sentimento por alguém da família manifesta-se à medida que a pessoa tenta agradá-la, presenteando ou dando mais atenção, seja ao contar ou ouvir histórias, de modo que eles se sintam bem acolhidos, seja simplesmente lhe dando um pouco de atenção, o que a faz sentir-se mais importante, mais segura.

Percebemos que mesmo sendo influenciada pelo meio, a criatividade natural, desenvolve-se de maneira mais significativa em algumas crianças que em outras.

Para a artista Fayga Ostrower:

“A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores de vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois pólos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura.” (1978, p.5).

Cabe ao professor buscar meios para que o desenho, como recurso didático, faça parte das suas aulas de forma descontraída, facilitando o desenvolvimento da imaginação e da criatividade do educando e estimulando a sua auto-estima. A partir do momento em que ele se sente mais seguro em expressar seus sentimentos e

criatividade através de seus desenhos, a sua auto-estima passa a ficar cada vez melhor.

Outro enfoque importante que os professores devem atentar é do avaliar a compreensão de textos por meio do desenho, pois, para a criança, a história muitas vezes é apenas um ponto de partida. Sua imaginação pode levá-la além da história e ela poderá incluir figuras que não apareciam no original, eliminando detalhes importantes ou mesmo focalizando como principais alguns personagens secundários, que, por alguma razão pessoal, são importantes para ela.

E desta forma, o desenho serve como mecanismo de ligação entre o professor e o nível de criatividade, afetividade e socialização do aluno, que se manifesta através dos desenhos que este produz.

Nesse sentido, a realização da pesquisa ofereceu mecanismos e suporte e resposta aos objetivos de pesquisa que consideram o desenho como meio de desenvolvimento do aluno, capaz de auxiliar no desenvolvimento de suas potencialidades, e assim, atingir o objetivo primordial da educação: formar plenamente o cidadão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas foram direcionadas visando verificar como se processa o desenvolvimento da percepção e imaginação da criança, e quais os procedimentos que podemos utilizar para alcançar esse objetivo.

Realizamos a análise dos dados de forma comparativa, ou seja, avaliando os desenhos entre si e entre os participantes da pesquisa, buscando registrar as variáveis.

A sistematização da pesquisa realizou-se articulando a teoria com a prática, considerando a bibliografia inventariada e já relacionada na fundamentação teórica. Destarte, concluímos os resultados da pesquisa, ao mesmo tempo que buscamos perspectivas de desdobramentos e assim foi possível realizar algumas análises.

Através do desenho, a criança pode projetar aspectos da personalidade jamais verbalizados constituindo-se assim, em uma forma de expressão. Expressão essa que desde o período pré-histórico foi registrada nas cavernas e aperfeiçoada com a evolução da humanidade que no final do século XX, descobre a originalidade do desenho através da Psicologia.

A criança faz do desenho sua marca, no qual expõe seu pensamento, emoções, aspectos cognitivos e motores. Aspectos esses que são observáveis através da posição da figura, espessura, tamanho do traço e elementos projetados, que podem ser indicadores da personalidade e do nível de maturidade intelectual confirmados ou não, através de outros testes associados a diálogos contextualizados ao desenho.

Normalmente, o professor ao analisar um desenho infantil observa aspectos de fundo pedagógico, como: coordenação motora, lateralidade, orientação espacial, acuidade visual e criatividade.

A pesquisa sobre o desenho é fantástica, pois transcende o nível de curiosidade do pesquisador acerca do assunto, pode-se mergulhar no imaginário, fantasia e sonhos que são despertados no inconsciente dos alunos. Pode-se confirmar que o desenhar é um ato criador e o poder criador configura a capacidade de abordar em cada momento vivido a unicidade da experiência, estendendo-se

para um ato de compreensão podendo vislumbrar combinações e associações relacionadas ao desenho e a mente.

Concluimos então, que é importante o educador discernir que elementos projetados no desenho necessitam de uma observação cautelosa, pois a criança pode projetar, por exemplo, agressividade, perpassando uma realidade vivida ou sofrida.

É obvio que o ser humano aprende mais com o movimento, a socialização, a afetividade, e a criatividade. A educação só pode ser considerada favorável se for uma educação integral do ser humano; educação completa que respeita, valoriza as diversidades, o ser humano como um sujeito único e completo.

Com certeza, condições afetivas favoráveis podem facilitar o aprendizado e tornar a prática do professor mais humana e autêntica, favorecendo a autonomia e autoconfiança dos alunos.

A formação do “eu” e da personalidade da criança vem do desenvolvimento proporcionado à criança em sua infância, quando a escola tem um papel fundamental no processo através do qual a criança toma consciência de si e das possibilidades de expressar-se. Daí a importância da escola e do educador no desenvolvimento da criança.

Esse trabalho oportuniza a criança a desenvolver-se em diversas áreas: coordenação, raciocínio lógico, percepção, síntese, criatividade, análise, colaboração, participação, entre tantas outras.

Para trabalhar como professor numa “escola do futuro” o educador precisa estudar e ler muito, ser criativo, com visão global do mundo para ajudar sistematicamente seus educandos a se desenvolver plenamente.

O curso de Pedagogia nos proporcionou esta visão e, além disso, nos proporcionou amplas reflexões e a adoção de novas posturas e compromissos pedagógicos. Esse é um modelo totalmente diferente, porém este novo modelo precisa ser adotado para que a escola continue realizando seu papel e forma adequada e com qualidade.

O educador deve também traçar estratégias e ações em sala de aula que possibilitem a auto-reflexão, superação de adversidades e determinação. A criança precisa compreender que alguns de seus conflitos internos (que são observáveis no

desenho) também são sentidos por outras crianças. E o professor pode ajudá-la a lidar com esses sentimentos, através de textos reflexivos, jogos, brincadeiras e conversas informais.

A criança expressa a idéia de que para desenhar é preciso pensar, o que significa tratar o desenho como objeto cognoscente. Redimensionando a relação dela com o mundo e com o ato de desenhar, pois o mesmo estabelece uma comunicação, ajuda a criança a superar desafios gráficos e acima de tudo, descobrir o seu espaço e valor no mundo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COX, Maureen. **Desenho da Criança**. São Paulo: Ed. Martins Fontes ,1999.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do Grafismo Infantil**. São Paulo: Scipione , 1994.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo/FUSARI, Maria Felisminda de Resende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1999. 2ª ed. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

FERREIRO, Emília. **Atualidades em Jean Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GARCEZ, Lucília H.C. **A Escrita e o ou Outro**. Brasília: Ed.Universidade de Brasília, 1998.

GREIG, PHILIPPE. **A Criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**: 5ª ed. (Coleção Espaço) São Paulo, Loyola, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

8. ANEXOS